

Mulher Maravilha e a identidade da mulher pós-moderna¹

Jayne Evellen de Fátima Cruz de SOUZA²

João Victor Menezes GOMES³

Margarete Almeida NEPOMUCENO⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O presente artigo irá contextualizar o filme Mulher Maravilha, direção de Patty Jenkins, lançado no ano de 2017, e explicar a construção da identidade feminina na pós-modernidade. Contradições e contexto histórico serão analisados e explicados através dos estudos de Stuart Hall no livro “A identidade Cultural da pós-modernidade”. Para isso, separamos tópicos para discutir sobre quem é a Mulher Maravilha, como acontece à (des)construção, além dos contrastes que permeiam o filme e o personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Maravilha; identidade; pós-modernidade

INTRODUÇÃO

A história da Mulher Maravilha (MM) permanece no imaginário da sociedade ocidental, que consumiu os produtos dessa história, vindo das HQs e posteriormente, desenhos animados para TV e cinema. Embora nunca fôssemos fãs desses, sempre estivemos imersos na cultura *geek* (ramo da cultura dedicado a pessoas que gostam de tecnologia, eletrônicos, jogos online e de tabuleiro) e por isso, mais cedo ou mais tarde iria aprofundar no assunto.

O fato é que a figura da MM sempre esteve atrelada a outros super-heróis como Batman ou Superman, ou seja, ligado sempre a uma figura masculina. Para quem não sabia da verdadeira história da heroína, a *DC Comics*, editora norte-americana especialista em quadrinhos, resolveu finalmente produzir o primeiro filme sobre a Mulher Maravilha e em 2017 foi lançado, com a direção de Patty Jenkins, e Gal Gadot

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Jornalismo XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, e-mail: jayaneevellen@gmail.com

³ Estudante de graduação 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Universidade Federal da Paraíba, e-mail: joaovictor_menezes18@hotmail.com

⁴ Orientadora do artigo. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: margaretea@gmail.com

como intérprete da heroína. Em 2016, a MM fazia apenas algumas participações nas tramas, como por exemplo, no longa “Batman vs Superman: A origem da justiça”, outra obra da marca. Todavia, no filme que estamos trabalhando neste artigo, ela foi a protagonista.

Em todos os filmes da sequência de os Vingadores (2012, 2015, 2018) que, mesmo sendo de outra produtora (Marvel), tem a figura feminina, no caso da Viúva Negra, como heroína em segundo plano. As informações sobre a vida dela não são comentadas e ela desempenha uma função de apoio aos heróis masculinos.

Por esse motivo, a personagem que dá nome ao filme traz uma ruptura no papel da mulher na sociedade e em como o papel feminino é abordado nos longas metragens. De acordo com GUBERNIKOFF (2009, p. 66), existem alguns papéis que as mulheres assumem em filmes, que acabam anulando o personagem, “esses estereótipos impostos à imagem da mulher funcionam como uma forma de opressão, pois transformam a mulher em objeto, nulificando-a como sujeito e recalcando o seu papel social”.

A partir disso, durante a narrativa é possível ver como essa mudança acontece e como a mulher maravilha vai se comportando diante dos acontecimentos propostos. Como ela tem outras percepções de vida e outra construção cultural, consegue delinear a construção da mulher pós-moderna, das suas várias culturas e personalidades. Isso só é possível ser observado porque ela passa a ser entendida como uma pessoa com características fluidas e que possui consigo a subjetividade, onde nada é fixo e concreto.

1. QUEM É A MULHER MARAVILHA?

Podemos começar dizendo que vamos analisar uma mulher à frente de seu tempo. É diante dessa constatação que iremos delinear a mulher maravilha do filme da *DC Comics*(2016). Ela é exemplo de uma nova construção da mulher pós-moderna. Porém O fato é que a personagem aqui tratada é bastante antiga, criada no ano de 1941, quando foi retratada nos quadrinhos da *All Star Comics* por William Moulton Marston, que futuramente viraria *DC Comics*. Entretanto, nossa análise será feita unicamente através do filme *Mulher Maravilha*, lançado em 2017 com direção de Patty Jenkins.

Diana é uma amazona da paradisíaca Ilha Paraíso, onde somente mulheres habitam. Lá elas aprendem a lutar e sobrevivem sem nenhuma interferência

masculina. Elas caçam, pescam, tem a divisão predeterminada para que todas contribuam com a comunidade. Elas têm autonomia dentro da Ilha.

A MM teve em sua criação toda para ser uma guerreira. No filme, as primeiras cenas retratam a vontade de lutar, muitas vezes reprimida pela mãe, que a personagem vai desenvolvendo desde a infância. O que é contestado pela tia, já que Diana mostra a desenvoltura com os utensílios utilizados durante os embates e a admiração que vai obtendo de todas as integrantes da comunidade.

Ela cresce com os princípios de bondade, força, liberdade, determinação e justiça. Com a chegada de Steve Trevor, piloto das tropas americanas e sua descoberta sobre a primeira guerra mundial, fazem Diana sair de sua ilha nativa, em busca da justiça e consequentemente de um mundo melhor, ou mais precisamente, salvar a terra do desastre.

Para isso, ela segue com Trevor para a cidade de Londres onde acontece todo o desenrolar da história. A atmosfera do filme apresenta a história durante a primeira guerra mundial, em uma sociedade onde homens e mulheres assumem papéis e comportamentos considerados machistas para a sociedade contemporânea. Em meio a esse contexto apresentado pelo filme, a personagem Diana traz o olhar contemporâneo para a sociedade do início do século XX, já que participa efetivamente dos embates, usa seus artefatos e sua inteligência para conseguir acabar com a guerra.

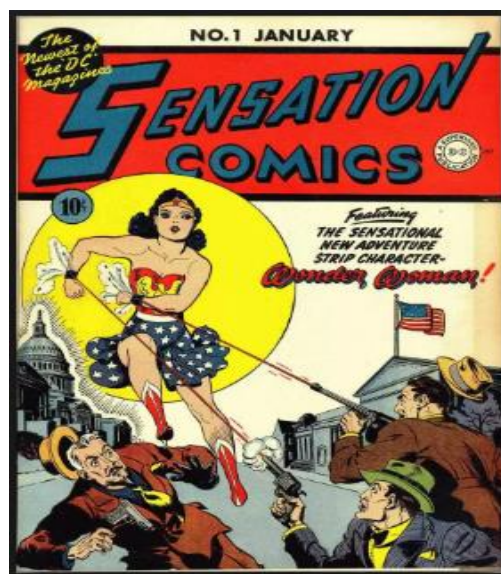


Figura 1: captura de tela do primeiro quadrinho da Mulher Maravilha/1941

2. A CONSTRUÇÃO DA MULHER MARAVILHA E A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER

Com a ida para Londres, que é considerado um “mundo exterior”, um ambiente desconhecido, faz com que Diana Prince passa a estar em contato com pessoas, momentos e sentimentos que não havia conhecido anteriormente. A inocência da mulher Maravilha em determinados momentos, nos traz reflexão comportamentais. Podemos tomar como exemplo a cena em que Trevor e Diana estão procurando roupas para que ela possa andar pelas ruas de Londres, já que as vestimentas de Diana não seriam bem aceitas para uma sociedade patriarcal e em plena guerra, meados de 1920.

Nessa parte da narrativa, Diana faz inúmeros questionamentos sobre as roupas que as mulheres usam naquela sociedade. Fica mais explícito na cena que ela prova as roupas disponíveis para que ela use no novo ambiente, a todo o momento ela questiona o fato de que aquelas vestimentas não são confortáveis e não flexíveis, não ajuda na mobilidade, o que dificultaria em uma luta.

São muitos questionamentos como, por exemplo, quem realmente era aquele homem (Travor), o que ele faria e até mesmo se acreditaria ou não no que ele diz. As quebras sociais acontecem a partir do momento em que Diana é levada à outra cultura e se vê rebaixada pelo simples fato de ser uma mulher. Ela não se conforma com o espaço dado a ela em Londres. As quebras de construções sociais são notadas pelas vestimentas, palavras que deve usar, como deve se portar. Tudo isso é questionado pela MM.

Diana, até o encontro com Travor, não havia tido contato com pessoas do sexo masculino. Todo esse contexto é novo para a MM e trazem descobertas que até então eram comuns para o espectador, chega a ser cômico ver as situações se configurando.

Além do questionamento da roupa, o termo “acima da média” é recebido com certa ironia. Trevor usa essa frase para tentar mostrar que suas partes íntimas são acima da média, mas ela questiona o que é ser acima da média, mais do que isso, ela questiona se isso faz alguma diferença para com os outros. Sendo assim, o filme foi construído para que algumas construções que nós, espectadores, temos como por

exemplo, o motivo pelo qual os homens se vangloriam por causa do órgão genital, sejam questionadas.

Para tanto, Diana é uma mulher à frente das mulheres apresentadas daquela época e da sociedade de Londres, porque ela traz questionamentos de um outro contexto, inserindo olhares diferentes nas situações arcaicas as quais é apresentada. Esses questionamentos são atemporais, como os dois exemplos acima e trazem consigo o poder da reflexão.

Os discursos utilizados pela personagem conversam com a realidade de maneira efetiva, pois contrastam com pensamentos enraizados em uma sociedade que começou a sofrer mudanças em relação ao comportamento das mulheres a partir das guerras mundiais

Durante as duas grandes guerras, as mulheres foram incentivadas a saírem de suas casas e atuarem no mundo produtivo, uma vez que seus homens haviam partido para o campo de batalha (...) No entanto, no pós guerra aconteceu o movimento contrário. A volta do homem as suas casas obrigou a volta das mulheres ao interior do lar. (CAIXETA E BARBATO, 2004, p. 215).

O problema é que a MM não era uma mulher daquela cultura, ela nasceu em uma comunidade onde as mulheres são autossuficientes, tudo é feito por elas e para elas. Ao sair da ilha, ela teria que se adaptar, teria que viver novas experiências, conhecer novas pessoas e entrar em uma cultura moderna.

Mas não foi isso que aconteceu, Diana Prince começou a viver os novos momentos com base na antiga realidade e cultura. Adaptar os novos momentos às suas vivências foi o ponto principal. Ou seja, tudo o que ela tinha apreendido, serviu como base para os novos conhecimentos adquiridos.

Podemos notar que ela tomou decisões durante toda a trama. Em um momento ela precisou escolher entre seguir ilesa com Travor e lutar, além de conseguir decidir os momentos em que ela iria participar do embate ou não. Esses pontos fazem com que ela seja vista como mulher forte e convicta de seus ideais e explicam o motivo pela qual ela é a protagonista da trama.



Figura 2: captura de tela- cena Mulher Maravilha conhecendo Londres

Stuart Hall em seu livro “A identidade Cultural da pós-modernidade” (2014), explica que o ser humano na pós-modernidade traz novas concepções e passa a ter uma desconstrução no âmbito da identidade.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (Hall,2014, p. 12).

Para entender um sujeito pós-moderno é, primeiramente, imprescindível saber que ele pode se contrapor em diversos momentos. Não precisa existir linearidade em seu comportamento, já que a construção acontece do contato com diversas culturas e modos de pensar. Tudo isso influencia no comportamento desse sujeito.

Entraremos agora em um tópico onde algumas das características da MM, aquela que é forte e guerreira, passam a se contradizer durante a trama. Essa característica transforma-a em uma mulher pós-moderna, que pode ser várias mulheres em uma só.

3. DIANA E SUAS CONTRADIÇÕES

A pós-modernidade traz a subjetividade para a vida dos indivíduos, a partir do momento que o ser humano não precisa de algo fixo e concreto. O íntimo de cada pessoa varia e isso passa a ser mais observado e aceito nesse momento. Diana Prince traz uma ruptura na identidade da mulher construída ao longo dos séculos.

Durante as cenas do longa, a MM em todo momento é dita como guerreira e suas características exaltam isso. Inclusive pelo fato de que ela é a melhor amazona da ilha, aquela que estudou mais de cem idiomas e possui técnicas para um bom ataque. Pensando por esse lado, subentende-se que seu lado racional é muito bem construído e que, em uma possível guerra, ela tomaria as decisões baseadas na razão, o que não acontece.

Diana passa por um campo de concentração e, ao ver todo o sofrimento daquelas pessoas, pensa em como ajudar. Trevor explica que aquele lugar é perigoso e que o mais recomendado é deixar que aquela situação se resolva sozinha. Realmente, pensando pelo lado racional, essa seria a atitude certa. Mas ela age buscando o equilíbrio, ou seja, também traz a emoção como fator importante para a decisão, contudo é auxiliada pela razão. E isso faz com que ela se diferencie como heroína, é o grande diferencial para com os super-heróis.

Transformar o mundo em um lugar melhor é o objetivo da MM e por isso segue com o embate. Ela mostra sensibilidade, mas, ao mesmo tempo, reafirma o seu papel de guerreira. Assim, existem contradições na construção da personagem que se assemelham à construção de uma nova identidade para a mulher moderna. Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. (Hall, 2006,p, 12).

Quando Hall (2006) fala sobre deslocamento ele quer mostrar que, no sujeito pós-moderno, não existe um centro, algo que é certo e uniforme. Estamos em constantes mudanças, o que é agora, pode não ser amanhã. Essa característica é muito presente na mulher maravilha, a partir do momento que os estereótipos são quebrados e fluídos. Uma mulher meiga, guerreira e racional, mas que pode ser movida pelas emoções.



Figura 3: Captura de tela: mulher maravilha na guerra

Diana Prince traz a figura da mulher que, dentro do contexto do filme, é extraordinária. E que, fora das telonas, também serve de inspiração na vida das espectadoras. Stuart Hall (2014) no seu livro “A identidade Cultural na Pós-modernidade”, explica ainda que a sociedade acompanha as mudanças de seus indivíduos. Ou seja, partindo do princípio de que todos vivem se correlacionando, as atitudes de algumas pessoas costumam influenciar as de outras.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (Hall, 2006,p.17).

Mas o ponto principal de contradição dentro do filme Mulher Maravilha é o fato de que Diana detém diversos poderes e instrumentos que fazem dela uma guerreira excepcional, como o laço da verdade, o bracelete, força, resistência e velocidade, mas ainda assim precisa que um homem guie-a nessa missão. Durante todo o enredo do filme, a MM está ao lado de Trevor para conseguir entender o que está acontecendo naquela realidade e conseqüentemente tomar as decisões relevantes.

Concomitante a isso, eles se relacionam amorosamente e, mesmo que não tenham um final feliz como se espera em um conto de fadas, toda essa história envolve

emocionalmente o espectador. Fazendo com que, o fato de eles não ficarem juntos se sobreponha ao desfecho da trama. O que não acontece nos filmes de super-heróis masculinos, eles sempre possuem uma mulher por trás, o par romântico, e a qual devem toda a força e as vitórias nas lutas.

“Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall,2006, p. 38)

Dessa maneira, podemos entender que Diana Prince consegue apresentar novas perspectivas de uma heroína. Ela é inteligente, mas deixa que as emoções guiam suas decisões, é extremamente poderosa, possui artefatos de luta, mas precisa que um homem direcione os passos que devem ser dados. A mulher maravilha é um exemplo do que se configura como indivíduo pós-moderno. Ela traz as várias faces, e em cada problemática abordada no filme, ela consegue mostrar uma. Ser contraditório é ser pós-moderno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade da mulher passa por diversas mudanças ao longo dos anos e elas decorrem de diversos fatores como cultura, sociedade ou até mesmo fatores psicológicos. O fato é que a pós-modernidade chega na sociedade como um movimento involuntário e traz consigo uma série de características que podem nos levar a incompreensão. Neste ensaio discutimos sobre como a identidade da mulher maravilha foi construída durante a trama e percebemos o rompimento da percepção do que é ser uma heroína.

Conseguimos ver várias versões de Diana em ação. A mulher sentimental que sente empatia pelas pessoas no campo de batalha e que se sente na obrigação de fazer algo para ajudar, a que questiona os privilégios dos homens na sociedade em todos os

momentos em que percebe os contrastes das culturas, a que se apaixona pelo desconhecido Steve Trevor e a que aceita sair da Ilha em que passou toda a vida para lutar por um mundo melhor, mesmo esse mundo sendo distante de sua realidade.

Todas elas coexistem, estão e são a mesma pessoa. Podemos fazer a analogia com um quebra-cabeça, são várias partes que se complementam, partes essas que são diferentes, mas que conseguem formar uma única imagem.



Figura 4: captura de tela: Steve Trevor e Diana Prince

Entretanto, esse quebra-cabeça nunca está completo. Essa é a grande chave para poder entender pós-modernidade, porque nada está certo ou completo. As relações, os sentimentos e ações são fluídas, elas não *são*, elas *estão*. E elas não necessariamente precisam fazer sentido, só precisam existir.

O filme tem um final marcante e um tanto previsível, assim como muitos filmes de heróis. E, assim como os outros, deixa abertura para uma futura continuação da trama. Dessa forma, se espera que no próximo longa Diana Prince possa desenvolver outras características que vão atuar em outro contexto a ser determinado e essas características também poderão se contradizer entre si e entre as outras já obtidas.

REFERÊNCIAS

CAIXETA E BARBATO. **Identidade Feminina** - um conceito complexo. 215. ed. Cidade: Paidéia, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. ed. Paz e Terra. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHACON, Beatriz da Costa Pan. Mulher Maravilha: Estudo sobre a representação da mulher e do feminino nas histórias em quadrinhos. **Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, p.4, 2009. Disponível em:
<<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0086.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GUBENIKOF, Gisele. A imagem: Representação da mulher no cinema. **Conexão-comunicação e cultura**.v.8, n. 15.Caxias do Sul. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural da Pós-modernidade**. 10. ed. Cidade: DP&A Editora, 2014.

MARCHIORI, Ana Beatriz. **Resenha:** Mulher Maravilha. Disponível em:
<<https://falauniversidades.com.br/mulher-maravilha-resenha-critica/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.